

# SUMÁRIO

---

*Apresentação*

7

**MACHADO DE ASSIS**

13

**NÉLIDA PIÑON**

25

**OSMAN LINS**

43

**JULIETA DE GODOY LADEIRA**

53

**ANTONIO CALLADO**

65

**AUTRAN DOURADO**

77

**LYGIA FAGUNDES TELLES**

95



# APRESENTAÇÃO





*E*m 1964, eu e Julieta de Godoy Ladeira combinamos escrever, cada um a seu modo, novas versões de um conto de Machado de Assis, considerado por todos autêntica obra-prima e cuja poesia, com o passar dos anos, parece intensificar-se: “Missa do galo”. Havia exemplos semelhantes na pintura e na música: artistas retomando um tema já realizado por antecessores e desenvolvendo-o a seu modo. Também em literatura, são conhecidas, por exemplo, as inúmeras versões dos dramas gregos, que, inspirados em Homero, chegam até os nossos dias, espelhando, sem perda da identidade, a visão e o modo de operar de escritores muito distanciados entre si no espaço e no tempo. Mas o que eu planejava era algo diferente. Imaginava um certo número de ficcionistas, cada um deles aceitando o desafio de refazer, com maior ou menor aproximação, o texto machadiano, que sabia-

mos insuperável. Esse fator, aliás, se era próprio a fazer-nos perder o ânimo, também aliviava-nos: partiríamos para uma aposta antecipadamente perdida.

Treze anos decorreram antes que eu tentasse interessar na aposta outros companheiros de ofício. Poderia escrever, sobre esses contatos, um longo artigo. AuTRAN Dourado, por exemplo, quando o convidei, mostrou-se categórico na sua recusa. E, no fundo, talvez achasse a proposta um tanto impertinente. Na manhã seguinte, telefonou-me: passara a noite sem conseguir dormir, às voltas com as personagens do conto, e decidira tentar a sua versão. (Ele escreveria, depois, um curioso relato dessa experiência, que espero venha a ser publicado quanto antes.) Os demais exultaram, misteriosamente seduzidos pela idéia. Em poucas semanas, eu tinha em mãos todos os contos.

Publicamos aqui a peça machadiana, ou seja, o modelo – e as nossas seis versões sobre esse mesmo modelo. Verão que algumas aderem estreitamente ao trabalho de Machado (como no meu caso e no de Lygia Fagundes Telles); e que outras só o tangenciam, expandindo-se livremente em direções imprevistas (caso de Nélida Piñon e de Antonio Callado).

Se a maior ou menor fidelidade ao modelo adveio de deliberação dos autores, não foram casuais ou arbitrários os pontos de vista adotados. Para evitar monotonia ou repetições, sugeri – sugeri, não estabeleci – perspectivas diversas. Assim é que Julieta de Godoy Ladeira explora a perspectiva da “boa Conceição”; Nélida Piñon se ocupa de Meneses, cuja intimidade devassa e para quem inventa uma linguagem tão interessante quanto ele; Antonio Callado aproxima-se de uma personagem apenas sugerida por Machado, a mãe de Conceição, levando-nos finalmente a entrever, por um mágico jogo de espelhos, o perfil do grande escritor; Lygia Fagundes Telles, manipulando um estranho “eu” onisciente, procura invadir o mundo do conto, luta por modificá-lo e vê que

tal tentativa é vã; Autran Dourado, valendo-se do escrevente, revela-nos, para surpresa de todos, uma Conceição que, à primeira vista, parece contrariar a de Machado, mas na qual acabamos por descobrir, ampliados, certos traços, tênues no original. Houve também – sem que nesse sentido fossem feitas sugestões – variações de tempo e de lugar, uns procurando manter o tempo e o espaço machadianos, outros alterando a época e o cenário. Curiosa unanimidade: certa prevenção contra Meneses, que em Nélida Piñon come biscoitos amanteigados e em Lygia Fagundes Telles farta-se com biscoitos de polvilho. Mas, se esse pormenor trivial e divertido vai deliciar muitos leitores – os que se atêm simplesmente à história –, outros, estudiosos de literatura, portadores de informações teóricas, ou, ainda, freqüentadores atentos do mundo machadiano, muito terão a observar e descobrir nestas *Variações*, cumuladas de interessantes problemas literários e de alusões as mais diversas a outros textos do autor das *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Vão aí, então, as nossas variações sobre a “Missa do galo”. Como escrevi em nota introdutória a uma edição especial dos contos, e creio, nisso, poder falar também pelos meus companheiros, “não nos importa muito se fomos ou não felizes nestes severos exercícios. O importante, para nós, é a homenagem que prestamos a Machado de Assis e, através dele, à arte da ficção, cujos corredores e salas, segundo demonstra a breve coletânea, são inumeráveis”.

**Osman Lins**

**1977**



MISSA DO GALO



*Machado de Assis*



Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta. Era noite de Natal. Havendo ajustado com um vizinho irmos à missa do galo, preferi não dormir; combinei que eu iria acordá-lo à meia-noite.

A casa em que eu estava hospedado era a do escrivão Meneses, que fôra casado, em primeiras núpcias, com uma de minhas primas. A segunda mulher, Conceição, e a mãe desta acolheram-me bem quando vim de Mangaratiba para o Rio de Janeiro, meses antes, a estudar preparatórios. Vivia tranqüilo, naquela casa assobradada da Rua do Senado, com os meus livros, poucas relações, alguns passeios. A família era pequena, o escrivão, a mulher, a sogra e duas escravas. Costumes velhos. Às dez horas da noite toda a gente estava nos quartos; às dez e meia a casa dormia. Nunca tinha ido ao teatro, e mais de

